

DIÁLOGO E LINGUAGEM NA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

[DIALOGUE AND LANGUAGE IN PHILOSOPHICAL HERMENEUTICS]

Weksley Pinheiro Gamaweksley.gama@ifes.edu.br<https://orcid.org/0000-0003-4116-4733>

Professor do quadro permanente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), atua nas áreas de Filosofia e Educação. É Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atuou como Professor Substituto na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de 2007 até 2009, como Professor da Rede Pública Estadual do Espírito Santo, de 2005 até 2019, e como Professor de Filosofia em Escolas da Rede Privada do Espírito Santo. Possui interesse em Filosofia Contemporânea, Hermenêutica, Educação, Filosofia da Arte e Educação para as relações étnico-raciais. Atualmente é Coordenador Adjunto do Núcleo de Estudos afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) do IFES campus Vitória.

DOI: [10.25244/tf.v16i2.6154](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.6154)

Recebido em: 14 de maio de 2024. Aprovado em: 25 de setembro de 2024

Caicó, ano 16, n. 2, 2023, p. 26-39
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v16i2.6154](https://doi.org/10.25244/tf.v16i2.6154)
Dossiê Gadamer



Resumo: Este artigo tem como objetivo abordar algumas das indicações através das quais Gadamer defende que a linguagem se estrutura a partir do diálogo. Pretendemos demonstrar que esta via de problematização parece condizente com aspectos centrais do que o filósofo aqui estudado nos traz em seu pensamento. Assim, o presente escrito buscará demonstrar que a linguagem se estrutura enquanto conversação. Tal caminho de análise será estabelecido através das elaborações de Gadamer sobre a linguagem que podem ser encontradas tanto na parte final de *Verdade e método* quanto em escritos posteriores à sua obra máxima. Nesse sentido, partiremos da indicação do lugar da linguagem na hermenêutica gadameriana, para em seguida nos determos sobre a demonstração de que a linguagem se dá como diálogo e enquanto conversação, tendo em vista o exemplo da tradução e o mistério da compreensão humana e da comunicação. Por fim, abordaremos o que Gadamer indica como diálogo permanente tendo em vista a relação entre linguagem, finitude e tradição.

Palavras-chave: Conversação, Diálogo, Finitude, Linguagem, Tradução, Tradição.

Abstract: This article aims to address some of the indications through which Gadamer argues that language is structured through dialogue. We intend to demonstrate that this path of problematization seems consistent with central aspects of what the philosopher studied here brings to us in his thinking. Thus, this writing will seek to demonstrate that language is structured as a conversation. This path of analysis will be established through Gadamer's elaborations on language that can be found both in the final part of *Truth and Method* and in writings subsequent to his greatest work. In this sense, we will start by indicating the place of language in Gadamerian hermeneutics, and then focus on demonstrating that language occurs as dialogue and as conversation, considering the example of translation and the mystery of human understanding and communication. Finally, we will address what Gadamer indicates as a permanent dialogue considering the relationship between language, finitude and tradition.

Keywords: Conversation, Dialogue, Finitude, Language, Translation, Tradition.

INTRODUÇÃO

Logo na epígrafe da terceira parte de *Verdade e método*, onde Gadamer efetiva marcadamente o desenvolvimento da temática da linguagem, este filósofo lança mão de uma afirmação contundente atribuída a Friedrich Schleiermacher, qual seja: “*tudo o que se propõe na hermenêutica é unicamente linguagem*”. (GADAMER, 1998, p. 557). Esta menção nos remete a inequívoca percepção de que, no que se refere à hermenêutica gadameriana, a linguagem ocupa um lugar de importância central. Esta afirmação é reforçada ainda pelo que Gadamer indica em importante nota explicativa inserida por ele em *Verdade e método*. Vejamos o que esta nota nos diz: “Somente na terceira parte ocorre o que na verdade se tem sempre em vista, a expansão à linguagem e ao diálogo – e, com isso, a concepção fundamental de distância e alteridade”. (GADAMER, 1998, p. 465.) No âmbito do presente artigo, a partir do que as menções acima nos mostram, tomamos como elemento nodal a perspectiva de que a hermenêutica se desdobra enquanto linguagem e o diálogo, por sua vez, é o desde onde a linguagem se configura. Quanto a isso, observemos a passagem logo abaixo:

partimos do fato de que a hermenêutica, enquanto linguagem, se institui no diálogo, ‘isto é, a linguagem só é aquilo que é quando ela carrega tentativas de entendimento, conduzindo ao intercâmbio, à fala e contra fala. Ela não é proposição e sentença, mas é somente quando é resposta e pergunta [...] Ela conduz do monólogo ao diálogo’. (ROHDEN, 2002, p. 182).

Desse modo, tomamos como ponto de partida o entendimento de que a linguagem possui um lugar de importância incontestável nas elaborações de Gadamer. A partir desta afirmação, este escrito buscará evidenciar que há uma relação estrutural da linguagem com a dinâmica da conversação e que esta relação apresenta elementos fulcrais da hermenêutica filosófica. Nesse sentido, a abordagem que será desenvolvida aqui buscará analisar o problema da tradução e o mistério da compreensão humana e da comunicação, bem como a possibilidade de um diálogo permanente considerando a relação entre linguagem, finitude e tradição.

A LINGUAGEM COMO DIÁLOGO NA HERMENÊUTICA GADAMERIANA

No falar real ou no diálogo, e em nenhum outro lugar, a filosofia tem sua verdadeira pedra de toque, essa que é a sua, propriamente sua. (GADAMER, 2007e, p. 111). Tendo em vista o que nos traz esta citação, parece não haver dúvidas sobre o fato de que a base das reflexões de Gadamer quanto linguagem se encontra na percepção de que há uma relação estrutural entre linguagem e diálogo. Ao levarmos a sério esta indicação, podemos inferir que a linguagem pensada por Gadamer não se faz apenas como um instrumento a mão, mas é um elemento estruturante da nossa experiência compreensiva no mundo.

A linguagem não é um sistema de signos que agenciamos com o auxílio de um teclado, ao entrarmos no escritório ou na estação emissora. Isso não é a linguagem, pois não possui a infinitude do fazer que cria linguagem e experimenta mundo. Mas, embora vivamos inteiramente imersos numa língua, isso não representa nenhum relativismo, porque não existe esse exílio numa língua, nem sequer na própria língua materna. (GADAMER, 2007e, p. 268)

Desse modo, segundo Gadamer, a nossa compreensão é sempre orientada pela linguagem e pelo diálogo, não o contrário. Pois estamos, desde qualquer perspectiva, presos aos limites da língua que falamos, embora possamos, a partir deste lugar, estabelecer diálogos. Além disso, a linguagem precisa carregar, na perspectiva gadameriana, a ‘infinitude do fazer que cria linguagem e experimenta mundo’, não devendo recair na simples combinação de estruturas lógicas de signos estanques, nem tampouco no exílio anti-dialógico que pode ocorrer ao nos restringirmos a uma perspectiva única de enunciação, pois tal atitude não corrobora com o sentido de conversação¹ que a linguagem possui. Assim, a condição para que a linguagem se desdobre é que a relação junto a ela não se estabeleça de um modo metodológico que inviabilizaria a instauração de um sentido próprio que se institua no cerne da conversação e, por isso, não se resume ao que se encontra previamente posto como sentido ou caminho a ser seguido univocamente. Segundo Gadamer, “costumamos dizer que ‘levamos’ uma conversação, mas a verdade é que, quanto mais autêntica é a conversação, menos possibilidades têm os interlocutores de ‘levá-la’ na direção que desejariam”. (GADAMER, 1998, p. 559.)

Com efeito, além de defender que a linguagem não é algo que possuímos como se possui uma ferramenta, Gadamer indica que, ao acontecer desde a conversação, a linguagem possui em sua dinâmica o fato de colocar sempre em jogo o encontro com o *outro*.

Faz parte de toda verdadeira conversação o atender realmente ao outro, deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, e talvez não no sentido que se queira entendê-lo como esta individualidade, mas sim no de que se procura entender o que diz. (GADAMER, 1998, p. 561)

E, não obstante, é através da linguagem que se faz possível o encontro compreensivo

¹ No âmbito do presente escrito, as palavras *conversação* (*Gespräch*) e *diálogo* (*Dialog*), bem como a expressão *dialógico* (*a*), terão basicamente a finalidade de acentuar a dinâmica de circularidade que deve caracterizar as práticas interativas que se dão através da linguagem. Dessa forma, no *diálogo* e na *conversação*, é preciso contornar qualquer unilateralidade ou apropriação. O uso oscilante destas noções pode causar algum desconforto ao leitor, mas o mesmo se ampara no que é indicado na seguinte passagem: “Embora Gadamer frequentemente se refira à importância do diálogo na hermenêutica, ele também fala da importância da conversa. A diferença entre diálogo e conversa é que, com o tempo, a pura informalidade do diálogo grego, como testemunhamos nos escritos de Platão, em grande parte em forma de diálogo, acaba se formalizando na dialética estruturada de pensadores posteriores como Hegel”. (LAW; KEANE, 2011, p.33. Tradução nossa). Assim, nos parece que ao evocar a *conversação*, Gadamer quer colocar em relevo o caráter, digamos, informal desde o qual o diálogo deve ganhar sentido, contornando possíveis formalizações que o desvirtuariam. Poderíamos, e seria algo absolutamente cabível, optar por um dos termos, a fim de conferir maior rigor ao trabalho, no entanto, o próprio Gadamer efetiva em seu pensamento este modo de uso, de modo que optamos por manter esta oscilação terminológica e, com isso, deixar ecoar no presente artigo a tensão no uso destas palavras.

entre seres humanos e o mundo circundante, caracterizando, desde a linguagem, a pertença entre homem e mundo. Este encontro entre o homem e o mundo se reflete no encontro do indivíduo consigo mesmo, e também no encontro com *o outro*, seja esse *outro* uma pessoa, uma obra de arte, ou um monumento arquitetônico. A referência aqui é do *outro* enquanto instância que deve ser preservada e, com isso, não ser tragada para dentro de uma lógica unilateral, onde o que é *outro* seja violentado e posto em acordo com premissas de quem tenta instituir parâmetros unívocos desde os quais, com efeito, seja possível lidar com este *outro* partindo, contudo, da supressão de suas peculiaridades em virtude da projeção pregressa que se sobrepõe e silencia a possibilidade do diálogo. Esta conceituação pregressa compõe a visão prévia e incontornável de quem dialoga. Apesar desta condição, sabemos que para levarmos a efeito o caráter positivo da circularidade trazida a nós pela hermenêutica gadameriana precisamos assumir as nossas premissas, mas jamais mantermo-nos aferrados a estas.

Doravante, ao chamar atenção para o modo desde o qual a linguagem deve ser desdobrada, Gadamer nos provoca a perceber que existem modos de lida, digamos, impróprios, desde os quais a linguagem é utilizada. Entre estes modos impróprios possuem destaque todas as condutas que inviabilizem o caráter dialógico acentuado acima. Tal inviabilidade dialógica acontece acentuadamente nos casos em que se estabelece uma relação instrumental e metodológica com a linguagem, pois nesta perspectiva o que prepondera é um olhar que enxerga signos lógicos e não palavras vivas surgidas na dinâmica da conversação. Na autenticidade da conversação desde a qual a linguagem deve acontecer, existem formas desde as quais a própria linguagem é expressa e, nesse sentido, o diálogo “[...] leva consigo sua própria verdade, isto é, ‘revela ou deixa aparecer algo que desde este momento é’”. (GADAMER, 1998, p. 559.) Curioso e digno de menção é o fato de Gadamer, logo no início de sua exposição sobre a linguagem, além de colocar como pedra de toque a noção de diálogo, ao invés de buscar conceituações que pudessem definir o que seja a linguagem, o filósofo se empenha na utilização de exemplos para expressar este eixo do seu pensamento. Nesta escolha, Gadamer demonstra que o que está em jogo é expor as questões de um modo tal que não precisem ser alçadas a uma supremacia enunciativa que se imponha ao que é experienciado, mas que possam contribuir para a intensificação do sentido dialógico e compreensivo da nossa existência. Assim, Gadamer nos convida a perceber que toda conceituação aparentemente definidora das experiências emerge das situações reais, não se fazendo como entidades supramundanas ou, de outro modo, como estabelecidas em determinadas épocas e, no entanto, alçadas a uma posição de autoridade que transcende - com traços impositivos - o contexto desde o qual foi efetivada a sua enunciação.

O EXEMPLO DA TRADUÇÃO: O MISTÉRIO DA COMPREENSÃO HUMANA E DA COMUNICAÇÃO

Gadamer lança mão do exemplo da tradução para que seja possível tomarmos consciência de que a linguisticidade (*Sprachlichkeit*) é sempre o meio desde o qual se faz possível a elaboração de acordos entre o tradutor e o autor, bem como deve ocorrer entre o intérprete e aquilo que for objeto de interpretação e, do mesmo modo, entre os componentes de um diálogo, como veremos a seguir. No caso da tradução, isso ocorre apesar de, segundo Gadamer, a tradução não ser um caso corriqueiro de conversação, pelo contrário, é importante ter em vista que a necessidade de tradução pode se fazer como um empecilho para a conversação.

Neste caso o acordo não se dá realmente entre os companheiros de diálogo, mas entre os intérpretes, que estão realmente capacitados para se encontrarem realmente num mundo comum de compreensão. (É sabido que não há nada mais difícil do que um diálogo em duas línguas diferentes, em que um usa uma língua, o outro, outra, visto que cada um dos dois entende a outra, mas sem saber falá-la. (GADAMER, 1998, p. 560).

Na construção de seu argumento, Gadamer indica que entender uma língua estrangeira é muito mais do que decodificar signos lógicos que, de certo, fazem parte da construção e consequente enunciação das palavras. Conhecer uma língua é justamente não necessitar de tradução para compreender o que é enunciado. É possuir, portanto, uma fluidez que não demande nenhum tipo de tradução, escrita ou mental, de modo que a linguisticidade possa aparecer em seu processo contextual de significação. “Compreender uma língua não é, por si mesmo, nenhum compreender real, e não encerra nenhum processo interpretativo, mas é uma realização vital”. (GADAMER, 1998, p. 561). No entanto, Gadamer mostra que não devemos abandonar por completo a tarefa de estabelecermos uma relação compreensiva com uma língua distinta daquela que temos como língua mãe. Pois

quanto mais dominamos a língua, tanto menos se dá esse olhar paralelo dirigido a própria língua. E, uma vez que jamais conseguimos dominar totalmente uma língua estrangeira, sempre experimentaremos algo desse olhar paralelo. Mesmo assim, trata-se já de uma linguagem, mesmo que balbuciente, que como todo autêntico balbucio representa o estancar de uma vontade de dizer, estando aberta assim para uma possibilidade de expressão infinita. (GADAMER, 2007e, p. 269).

Se, de saída, a passagem acima nos convida a um esforço de aproximação junto a compreensão de línguas distintas daquela que falamos, por outro lado, Gadamer acentua a impossibilidade de que tenhamos domínio total destas línguas e, portanto, jamais deixamos de ter quanto a elas um olhar paralelo que parece não aderir plenamente ao jogo de sentido vigente em uma língua estranha à nossa. Contudo, mesmo diante desta dificuldade, é possível, ainda que de modo balbuciente, estancar a vontade de dizer e, com isso, adentrar em diálogos que não sejam pautados por elementos familiares da linguagem imediata. Com isso, Gadamer busca indicar que o problema hermenêutico não se mostra propriamente circunscrito no uso técnico de uma língua, todavia, aparece a partir de uma adequada vinculação que se expressa no acordo sobre o assunto desde o qual as palavras aparecem em seu sentido efetivo. Com efeito, os diálogos precisam ter como pressuposto os possíveis acordos entre os falantes, o entendimento recíproco da língua falada.² Entrementes, é preciso que saibamos que toda tradução é uma interpretação, como indica

² Esta colocação suscita uma questão que precisamos responder, mesmo que em poucas palavras. Como podemos estabelecer um efetivo diálogo com a obra gadameriana sem que, no entanto, possamos estar de fato conectados expressamente com o sentido do dizer do próprio filósofo em língua alemã? Este é o desafio de quase toda a filosofia acadêmica brasileira que, não obstante, se debruça sobre pensadores europeus cuja língua materna não é o português. De modo que, como o próprio Gadamer afirma, ao defender o valor da tradição, buscamos, ao assumirmos este desafio, nos colocarmos tanto quanto possível no âmbito dialógico que perpassa o todo da história

Gadamer em diversos pontos de sua trajetória de pensamento, como no trecho que temos logo abaixo:

Como toda interpretação, a tradução implica uma reiluminação. Quem traduz tem de assumir a responsabilidade dessa reiluminação. Evidentemente, não pode deixar em aberto nada que para ele mesmo seja obscuro. Tem de conhecer nuances. (GADAMER, 1998, p. 562).

Tendo, portanto, esta prerrogativa de ser sempre interpretação, a tradução precisa, ser efetivada a partir da assunção da tarefa do tradutor de traduzir de tal modo que o que o original traz possa reluzir com maior clareza e fluência do que o original. Contudo, é preciso que percebamos que, por melhor que seja a tradução, ela nem sempre é capaz de retomar adequadamente o que é dito no original, nem sempre consegue expor “[...] alguns dos sobretons que vibravam junto ao original”. (GADAMER, 1998, p. 562). Todavia, mesmo diante desta dificuldade, Gadamer não deixa de indicar possibilidades de que a obra original ganhe um sentido ainda mais magistral e ampliado. Nesses casos, Gadamer enfatiza que o que ocorre é uma verdadeira *recriação*, pois não se reproduz o que foi primordialmente criado, o que, no entanto, não parece sequer uma tarefa plenamente possível. Para encaminhar esta reflexão, Gadamer recorre ao que considera um bom exemplo de recriação ao se referir à tradução (recriação) efetivada pelo poeta Stefan George para *As Flores do mal* de Baudelaire. Nesse caso, segundo Gadamer, a obra original parece “respirar uma estranha e nova saúde”. (GADAMER, 1998, p. 563). O autor de *Verdade e método* faz questão de indicar que poucos são os casos onde isso ocorre, porque a tarefa do tradutor é fazer valer no que é traduzido o estranho e adverso em sua estranheza e adversidade, buscando não suprimir tais características e, com isso, torná-las comuns à sua visão prévia. Portanto, cabe ao tradutor não limitar o que pode aparecer na tradução aos seus próprios pré-conceitos (*Vorurteil*). Com efeito, segundo Gadamer,

o processo de tradução engloba no fundo todo o mistério da compreensão humana do mundo e da comunicação social. Traduzir representa uma unidade indissolúvel de antecipação implícita de pretensão antecipada do sentido como um todo, e a fixação explícita do que assim se antecipou. (GADAMER, 2007e, p. 241).

Esta passagem nos fornece algumas questões que merecem ser comentadas antes de prosseguirmos. A referida ‘pretensão antecipada’ precisa estar prevista, pois não podemos deixar

da filosofia. Mesmo que, no entanto, o façamos desde os nossos próprios pré-juízos que, de certo, são traços de nosso horizonte finito que inclui a língua que falamos. No entanto, tendo em vista que o diálogo, quando bem direcionado, se desdobra ao modo de uma fusão de horizontes, e que na interpretação cada um carrega em si traços dialógicos objetivamente circunscritos, temos que o nosso esforço encontra amparo nas proposições da hermenêutica filosófica gadameriana, pois carrega traços do que todo intérprete deve assumir como parte do exercício interpretativo. Desse modo, segundo nos parece, acabamos efetivando uma interpretação da tradução/interpretação, o que tentamos complementar com incursões a termos na língua materna de Gadamer.

de notar que na estrutura de *Verdade e método* a questão dos pré-conceitos aparece de modo anterior em relação à linguagem, o que não ocorre aqui, pois pretendemos desdobrar dentro de certos limites a relação estruturante entre diálogo e linguagem. Contudo, é preciso que deixemos claro que em toda interpretação decorrente de uma tradução ou de qualquer outra atividade concernente à nossa compreensão de mundo, acontece uma antecipação, um primeiro olhar que nos guia até que, certamente, este olhar inicial se mostre insuficiente e, com isso, passe a não corresponder ao que o próprio objeto da interpretação mostra. Decorre daí que o objeto da interpretação ou aquele com quem dialogamos possa, ao não se enquadrar nessa visão prévia, dizer alguma coisa. No entanto, na passagem acima, Gadamer afirma que a tradução se faz como a fixação desta primeira visada, o que nos parece problemático, pois partindo do que vimos até aqui, podemos supor como algo cabível que o que se fixa na tradução mantenha o sentido da linguisticidade (*Sprachlichkeit*). Como isso seria possível na prevalência dos pré-conceitos (*Vorurteil*)?

Escrita é auto alheamento. Sua superação, a leitura do texto, é, pois, a mais elevada tarefa da compreensão. Inclusive no que se refere ao simples inventário dos signos de uma inscrição, somente é possível vê-los e articulá-los corretamente quando se está em condições de retransformar o texto em linguagem. (GADAMER, 1998, p. 569).

Ainda sobre a mesma questão, Gadamer afirma que,

Na escrita, a linguagem chega à sua verdadeira espiritualidade, pois, face à tradição escrita, a consciência compreensiva alcançou sua plena soberania. Em seu ser, já não depende de nada. Assim, a consciência leitora se encontra na posse potencial de sua história. (GADAMER, 2007e, p. 569).

Portanto, a resposta que Gadamer nos fornece quanto à fixação linguística na tradução em face da natureza dialógica da linguagem, decorre do resgate da atividade de leitura como efetivação da continuidade do sentido do que foi expresso em palavras escritas. Nesse sentido, podemos afirmar que a tradição filosófica se caracteriza pela linguisticidade e, na forma escrita, ganha seu significado ao passo que, na leitura, esse significado repercute na superação do texto escrito. Com efeito, a palavra escrita se mostra como um convite à efetivação do diálogo que institui a linguagem na interpretação, de modo que, na palavra falada, acontece algo bastante distinto. “É assombroso até que ponto a palavra falada se interpreta a si mesma, pelo modo de falar, o tom, a cadência, etc., assim como pelas circunstâncias nas quais se fala”. (GADAMER, 2007e, p. 573). Estes elementos demonstram que a palavra falada possui na sua enunciação uma estrutura de sentido que oferece caminhos para que seja assimilada de modo menos desafiador, tendo em vista que a palavra escrita demanda estratégias e cuidados para que, na interpretação, não seja exercida uma projeção impositiva que inviabilize a efetivação do diálogo.

Diálogo e linguagem na hermenêutica filosófica

GAMA, Weksley

Mesmo que a linguagem possa ser codificada e encontrar uma relativa fixação no dicionário, na gramática, na literatura, sua vitalidade própria, seu amadurecimento e renovação, sua deterioração e depuração até as elevadas formas estilísticas da arte literária, tudo isso vive do intercâmbio vivo entre os seus interlocutores. A linguagem se dá no diálogo. (GADAMER, 2007e, p. 243).

Portanto, retomando o que foi enunciado acima, é no diálogo que a linguagem se dá, e esta afirmação se estende inclusive às situações onde as palavras enunciadas parecem um tanto desconectadas de uma conversação, isso ocorre devido ao fato de terem recebido um sentido aparentemente fixo. Daí os exemplos do dicionário, da gramática e da literatura. É na conversação, na fala e na escuta recíprocas que a linguagem se faz linguagem.

Entretantes, Gadamer busca, com o exemplo da tradução, demonstrar as dificuldades relativas à superação das distâncias entre horizontes que podem, contudo, ser claramente percebidas nos casos em que há diferenças entre as línguas da obra interpretada e a do intérprete. Com efeito, no pensamento de Gadamer vemos que é através da conversação que se torna possível encontrar acordos que contornem ou amenizem apropriações unilaterais. Não se trata, portanto, de desconsiderar todos os modos de apropriação incipientes que podem corroborar com a circularidade da compreensão, pois só é possível estabelecer os primeiros movimentos junto ao que se quer interpretar a partir das noções prévias que nos orientam ao fornecerem um sentido de entendimento, de captação e até de apropriação. Entretanto, este ímpeto precisa e pode ser contido, desde que consigamos dar ouvidos ao que interage dialogicamente conosco. Assim, ao fazer prevalecer a reciprocidade interativa, a “tarefa de reprodução, própria do tradutor, não se distingue qualitativamente, mas somente gradualmente da tarefa hermenêutica geral que qualquer texto coloca”. (GADAMER, 1998, p. 564).

É nessa perspectiva que Gadamer indica em 1989 que: *Ler é como traduzir*. Na medida em que afirma ironicamente junto a Benedito Croce que “*traduttore-traditore*”. Com esta expressão Gadamer indica que toda leitura é uma forma de tradução, além de deixar claro que tanto na leitura quanto na tradução vigora um sentido dialógico desde o qual a linguagem vai sendo tecida de maneira infinita, sempre projetada para novos diálogos. Ademais, fica claro que manter uma fidelidade inerte quanto ao que se interpreta é uma tarefa impossível, pois sempre há uma “traição” quanto ao original quando interpretamos/traduzimos algo. Assim, estamos legitimamente livres para falarmos de um diálogo ou *conversação hermenêutica*.

Segue-se daí, que a conversação hermenêutica tem de elaborar uma linguagem comum, em condição de igualdade com a conversação real, e que esta elaboração de uma linguagem comum tampouco consistirá na preparação de um instrumento com vistas ao acordo, mas que, tal como na conversação, coincide com a realização mesma do compreender, do chegar a um acordo. (GADAMER, 1998, p. 564).

Com efeito, na hermenêutica filosófica, existe a pressuposição de que o que é interpretado ou traduzido não pode ser tomado desde um ponto de vista fixo, nem, tampouco,

deve ser buscado no que se interpreta um outro ponto de vista fixo a ser decifrado na medida em que o intérprete encontre a lógica desde a qual se estabeleceu a gênese de um texto. Isso não é, de fato, o que propõe Gadamer, tendo em vista que, em sua perspectiva de pensamento, a interação entre intérprete (tradutor) e objeto interpretado não pode se dar de modo que prevaleça uma apropriação unilateral permanente, pois entre ambos deve se estabelecer, tal como deve ser em todas as nossas relações imediatas e vitais, um diálogo permanente.

O DIÁLOGO PERMANENTE: A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM, FINITUDE e TRADIÇÃO

Na abordagem sobre a tradição e a história da filosofia que ocorrem na segunda parte de *Verdade e método*, Gadamer demonstra que a fusão de horizontes perfaz uma noção fundamental da hermenêutica filosófica. Esta perspectiva é retomada na análise sobre a linguagem como conversação: “[...] podemos reconhecer nisso a *forma de realização da conversação*, na qual um tema chega à sua expressão, não na qualidade de coisa minha ou de meu autor, mas na coisa comum a ambos”. (GADAMER, 1997, p. 566).

Na configuração desta comum-idade, a linguagem pode se desdobrar como diálogo e encontra condições para que não seja apreendida ou tornada ferramenta técnica de uso em função deste ou daquele interesse. Para nos encaminharmos para os últimos movimentos de pensamento propostos neste artigo, vejamos uma passagem bastante elucidativa de um dos escritos de Gadamer:

[...] a linguagem é o médium universal em que se realiza a própria compreensão. A forma de realização da compreensão é a interpretação. Essa constatação não quer dizer que não exista o problema particular da expressão. A diferença entre a linguagem de um texto e a de seu intérprete, ou o abismo que separa o tradutor de seu original, não são, de modo algum, questão secundária. Bem pelo contrário, os problemas da expressão linguística já são, na realidade, problemas de compreensão. Todo compreender é interpretar, e todo interpretar se desenvolve no médium de uma linguagem que pretende deixar falar o objeto e é, ao mesmo tempo, a linguagem própria de seu intérprete. (GADAMER, 1998, p. 566-567)

A passagem supracitada parece demonstrar que - para além do que já abordamos e também se evidencia na mesma - os partícipes do diálogo devem se fazer ouvir na interpretação, pois o intérprete sempre se coloca desde sua própria “linguagem” e, todavia, não deve deixar de se abrir a ouvir o que aquele ou aquilo com que dialoga na interpretação diz. Em diversos momentos de *Verdade e método*, assim como em outras obras, Gadamer afirma que esta atitude de não se sobrepujar ao que é interpretado e, com isso, deixar que o objeto da interpretação ou o antagonista em um diálogo digam alguma coisa não é, de certo, uma atitude heroica, pois é o que sempre acontece na interpretação enquanto tal. Apesar disso, existem casos em que a perspectiva unilateral de interpretação do intérprete o coloca como surdo e, com isso, a voz do que está

interpretando ou daquele com quem dialoga é emudecida. Com efeito, no pensamento gadameriano, ao assumir o caráter de linguisticidade (*Sprachlichkeit*) da linguagem como diálogo, abre-se a possibilidade de efetivação da “[...] *concreção da consciência da história efetual*”. (GADAMER, 1998, p. 567).

Nessa perspectiva, torna-se viável a efetivação de um acordo com a tradição, de modo que, ao invés de a tradição se constituir como um passado inerte a ser acessado e enquadrado nas premissas de quem a acessa, pode seguir repercutindo. Isso ocorre apesar de vermos que, em certos casos, muito do que é anterior acaba deixado para trás e é visto como superado. Todavia, Gadamer atribui muita importância ao fato de podermos assumir a relevância fundamental do que nos antecedeu e, com isso, vemos que as concreções de sentido efetivadas em cada época não devem ser absolutizadas em seu arco de abrangência e relevância, embora mantenham sua validade histórica.

Segundo Gadamer, existe uma dimensão do diálogo desde a qual a linguagem é estabelecida que, contudo, precisa estar efetivamente demonstrada. Trata-se do diálogo interno consigo mesmo que todo intérprete realiza, um diálogo interno que se desenrola conosco e, não obstante, direciona a antecipação, os pré-juízos que todos carregamos e expressamos nos diálogos dos quais participamos. No processo de interpretação, o intérprete que todos somos precisa ter em conta que a língua desde a qual a fala se origina é, em certo sentido, *infinita*, mas carrega os traços da *finitude* de quem a fala. E, no entanto, o fato de constatarmos que existe uma infinidade de línguas não deve nos levar a considerar que, por isso, a estrutura dialógica da linguagem se encontraria ameaçada. Com efeito, a infinidade de línguas nos mostra, no entanto, os limites finitos que caracterizam a nossa existência e, com efeito, marcam a nossa relação compreensiva com o mundo. Esta finitude não deve ser tomada como traço de cisão no processo que delineamos até aqui.

O contrário é o verdadeiro. É exatamente no caminho que passa pela finitude, pela particularidade de nosso ser, visível também na diversidade das línguas, que se abre o diálogo infinito em direção à verdade que somos todos nós”. (GADAMER, 2007e, p. 269).

E, não obstante, a finitude é uma marca incontornável do processo interpretativo e através desta característica o diálogo onde a linguagem vigora nos coloca diante do que somos, desde a alteridade do diálogo que nos provoca e desafia diante da escuta do outro. Gadamer afirma que “o que constitui uma autêntica associação entre as pessoas é o fato de cada um ser primeiramente uma espécie de círculo de linguagem para si”. (GADAMER, 2007e, p. 269). A partir desta afirmação, vemos que os círculos podem interagir e até mesmo se fundirem através do *médium* que é a linguagem. Dessa fusão eminente, o que permanece é, de fato, a linguagem. Isso acontece através do “seu vocabulário e gramática, como antes e agora, e jamais sem a infinidade interna do diálogo que está em curso entre o que fala e seu interlocutor”. (GADAMER, 2007e, p. 269). A partir da hermenêutica filosófica vemos que, não obstante, na criação da linguagem todo partícipe deve esforçar-se na concepção de uma linguagem comum a todos os que fazem parte do diálogo. Uma das tarefas assumidas por Gadamer em seu pensamento é deixar isso claro, pois precisamos, invariavelmente, buscar palavras desde as quais possamos ir ao encontro do *outro*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com efeito, Gadamer entende a dimensão hermenêutica como infinita, e esta dimensão decorre da nossa assunção de que o diálogo é o modo de efetivação do *médium* que a linguagem é, tendo em vista que, ao nos disponibilizarmos para esta característica, não podemos nos resguardarmos frente aos limites de nosso conforto diante do habitual e familiar. É preciso nos arriscarmos para além daquilo que nos constitui de imediato para que, com isso, permitamos a efetiva repercussão da linguisticidade da linguagem através das diversas instâncias de diálogo que existem.

Entrementes, os elementos que temos até aqui permitem que possamos afirmar que a relação entre a linguagem e o pensamento é constitutiva, tendo em vista que não parece possível pensar sem o uso imediato da linguagem. Nesse sentido, corroboramos com a afirmação de Rohden que diz

só é possível filosofar na e por meio da linguagem cujo emprego ‘não é de modo algum como o uso de algo. Vivemos em uma linguagem como em um elemento, como o peixe na água. No contato em forma de linguagem e em tudo que chamamos de diálogo, nós procuramos as palavras. (ROHDEN, 2002. P. 180).

Sem a linguagem, toda e qualquer enunciação sobre o que nos circunda se converteria em uma tarefa inviável. A imagem do ‘peixe na água’ suscitada acima é de extrema felicidade, pois nos convida a percebermos o quanto estamos profundamente imersos na linguagem e, a partir desta constatação, procuramos as palavras em nossas interações que se dão pela linguagem que é sempre desdobrada no diálogo. Muitas vezes esta procura se torna tão automatizada que nem nos damos conta de que a efetivamos, ou em outras ocasiões as palavras parecem surgir de modo tão natural e fluido que de fato parecem não suscitar esforço, como em algumas expressões poéticas. Assim, vemos que o diálogo não permite que nos preservemos e, com isso, mantenhamos a integridade de uma posição prévia que nos oriente. “O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo”. (GADAMER, 2007e, p. 247) Nesse sentido, a força do diálogo transforma o que somos a tal ponto que podemos dizer que onde o diálogo foi exitoso “[...] ficou algo para nós e em nós que nos transformou”. (GADAMER, 2007e, p. 247). Na demonstração desse sentido transformador do diálogo, Gadamer enxerga semelhanças quanto ao que ocorre na amizade, pois quando o diálogo se desenvolve efetivamente desde a alteridade, é possível que se ria ou chore junto, partilhando de uma espécie de entendimento tácito que transcende a necessidade de sobreposição. Esta é uma forma de “[...] comunhão onde cada qual continua sendo o mesmo para o outro porque ambos encontram o outro e encontram a si mesmos no outro”. (GADAMER, 2007e, p. 247).

A linguagem se realiza como diálogo e, nesse sentido, como uma unidade de sentido construída a partir de palavras e, não obstante, de respostas postas em um contexto de pergunta ao qual as enunciações acabam correspondendo. Dessa forma, “Com o aprofundamento do diálogo estamos no núcleo da explicitação da hermenêutica filosófica”. (ROHDEN, 2002, p.

182). É preciso, contudo, que lembremos do fato de que o diálogo que a linguagem é não é algo que possa ser apartado ou anexado ao ser humano, pois se trata de uma parte do que o ser humano é. Além disso, não podemos perder de vista que todo esforço desde o qual Gadamer estabeleceu o seu pensamento decorre da concepção de que a filosofia, a partir da linguagem entendida como diálogo, só pode se efetivar através da consideração do *outro* como quem tem sempre o que dizer e, por isso, não deve ser emudecido.

REFERÊNCIAS

GADAMER, H-G. **A atualidade do belo**. A arte como jogo, símbolo e festa. Trad. Celeste Aida Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro – 1985.

GADAMER, H-G. **Hermenêutica da obra de arte**. Seleção e tradução de Marco Antônio Casanova. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

GADAMER, H-G. **Hermenêutica de la Modernidad**. Conversaciones com Silvio Vietta. Traducción de Luciano Elizaincín-Arrarás. Madrid: Editorial Trotta, 2004

GADAMER, H-G. **Hermenêutica em retrospectiva** - vol. II - A virada hermenêutica. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007b.

GADAMER, H-G. **Hermenêutica em retrospectiva** vol. - III – Hermenêutica e a filosofia prática. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2007c.

GADAMER, H-G. FRUCHON, P. **O problema da consciência histórica**. Tradução de Paulo César Duque Estrada. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GADAMER, H-G. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis, RJ: Vozes 1997, 2 edição.

GADAMER, H-G. **Verdade e método II**: complementos e índice; Tradução de Enio Paulo Giachini; revisão de Marcia Sá Cavalcante Schuback. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2007e.

GADAMER, H-G. **Verdad y método I**. Fundamentos de una hermenéutica filosófica. Tradujeron Ana Agud Aparicio y Rafael de Agapito. 6. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1996.

GADAMER, H-G. KEANE, N. **The Gadamer dictionary**. London and New York: Continuum, 2011.

DOI: [10.25244/uf.v16i2.6154](https://doi.org/10.25244/uf.v16i2.6154)

Diálogo e linguagem na hermenêutica filosófica

GAMA, Weksley

ROHDEN, L.; **Hermenêutica filosófica**: Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem. Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2002.